

**As duas faces da moeda: as contribuições de JK e  
Gilberto Freyre ao colonialismo português.**

**de Waldir José Rampinelli\***

**Um livro instigante para uma coleção inovadora**

por Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida\*\*

Redigir esta resenha é tarefa delicada, pois requer muito cuidado para não empobrecer um livro que, a rigor, dispensa apresentação. O título é quase uma resenha.

Para quem considera a ciência indissociável da crítica, a escolha do tema da pesquisa de doutoramento de Waldir Rampinelli foi excelente: as relações do governo JK com o salazarismo. As atividades desta pesquisa levaram o autor a Portugal, onde a exemplo do que fez no Brasil, consultou importantes fontes primárias, recorrendo a arquivos de diversas personalidades e instituições.

Também em Portugal, realizou três entrevistas memoráveis. Os depoimentos prestados por José Calvet de Magalhães, Fernando Rosas e Otelio Saraiva de Carvalho, principal dirigente do “Revolução dos Cravos”, são, ao mesmo tempo, relevantes para o tema de pesquisa e de imensa importância teórico-política<sup>1</sup>. Estes trabalhos se relacionam com a questão nacional, em suas dimensões “interna” e “externa”. O mesmo se aplica ao principal produto da viagem: o livro *As duas faces da moeda*.

As descobertas realizadas por Waldir Rampinelli são impressionantes e, para não estragar o prazer do leitor, apenas menciono que as relações do governo Kubitschek com o salazarismo e, mais particularmente, o colonialismo português, foram muito mais estreitas do que parecem; não se deveram a uma simples idiossincrasia do presidente brasileiro, mas expressavam tendências poderosas em nossa sociedade, envolvendo, inclusive, intelectuais respeitáveis que, em nome do chamado “lusotropicalismo”, procuraram glamorizar a ditadura e o colonialismo; não se restringiram ao Brasil, mas, ao se inserirem no jogo da Guerra Fria, tiveram a participação mais ou menos ativa de Estados e outras instituições que, em nome da luta contra a “ameaça comunista”, fecharam os olhos para o caráter opressivo do salazarismo, dentro e fora de Portugal.

---

\* Primeiro lançamento da Coleção RIEN (Relações Internacionais e Estado Nacional). Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

\*\* Departamento de Política e Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP; coordenador do NEILS (Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais).

<sup>1</sup> De volta ao Brasil, Rampinelli fez mais uma entrevista fundamental com o historiador Jacob Gorender, importante ator político também do período estudado. Todas as entrevistas foram publicadas.

O autor demonstra sistematicamente que as formulações de Gilberto Freyre acerca da luso-tropicalidade foram apropriadas pelo salazarismo. Até aqui, a originalidade fica por conta da pesquisa sistemática e não do processo estudado. Afinal, praticamente qualquer obra é passível de diferentes apropriações, independentemente das disposições subjetivas e objetivas do autor. Todavia, a pesquisa vai além e mostra que Gilberto Freyre não somente permitiu que o colonialismo português se apropriasse de suas formulações. Deixou usá-las e se deixou usar. Engajou-se, chegando a fazer, entre agosto de 1951 e fevereiro de 1952, uma viagem pela maioria das colônias de Portugal (as exceções foram Timor e Macau) totalmente monitorada pela ditadura salazarista. Ao regressar ao Brasil, foi portador de valioso presente enviado por Salazar ao presidente Vargas e, logo em seguida, em 1953, Freyre escreveu dois livros, nos quais utilizou pela primeira vez a noção de luso-tropicalismo. Tampouco faltaram declarações simpáticas a Salazar. Especialmente a partir de 1950, o estudo da obra de Gilberto Freyre foi introduzido no mundo acadêmico lusitano, especialmente no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, criado com vistas a formar quadros para administrarem as colônias. É impossível aos estudiosos da obra de Gilberto Freyre ignorar este aspecto da práxis do autor de *Casa Grande & Senzala*. O livro de Waldir Rampinelli torna-se referência obrigatória.

Manifestações da convergência entre JK, Freyre e o Salazarismo não faltaram. Por exemplo, em relação a Goa, território que, juntamente com Diu e Damão, Portugal colonizava na Índia, o ditador português afirmou que, embora “geograficamente” fosse Índia, “socialmente, religiosamente, culturalmente, Goa é Europa”. Na mesma toada, Freyre argumentou que, caso se separasse de Portugal, talvez ocorresse a independência de “uma alma-penada”. Kubitschek, já eleito, mas antes de tomar posse, declarou que seu governo aumentaria a “solidariedade com Portugal no caso de Goa e em todos os terrenos”. Cumpriu a promessa a ponto de o embaixador brasileiro na ONU, Donatello Grieco, adotar a tese salazarista de que Portugal não tinha colônias e sim províncias ultramarinas e, frente à acachapante pressão contra o colonialismo luso, afirmar que “tocar em Portugal era tocar no Brasil”. Este outro lado da moeda é parte da face sombria de governo, que, quase sempre, é apresentado de modo nostálgico pelo ângulo mais favorável de uma feliz articulação de desenvolvimentismo e democracia.

O ponto alto deste livro consiste justamente em recuperar a tessitura das relações internas e externas à sociedade brasileira, abordando, com uma linguagem clara e agradável, múltiplas determinações de um importante aspecto da política externa e internacional implementada pelo governo Kubitschek. Esta análise, que só foi possível graças ao talento de historiador, cientista social e estudioso das relações internacionais, também torna o livro indispensável aos que procuram estudar uma importante faceta da Guerra Fria, bem como apreender questões atualíssimas acerca do pensamento social brasileiro.

O autor não foge ao desafio de passar da constatação à explicação e faz uma análise meticulosa das razões desta aliança tenebrosa do governo Kubitschek com o salazarismo. Terão existido outras? Eis uma interessante pista para novas pesquisas.

Neste sentido, processo de produção e seu resultado final dignificam o trabalho acadêmico na mais alta expressão do termo e justificam a presença deste livro como o marco inaugural de uma coleção voltada para a análise crítica das relações internacionais.